

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias - Preço 4\$00

AVENÇA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 39
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 81 — Sábado, 25 de Dezembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



NATAL

MAIS uma vez, até à eternidade dos séculos, se festejará o que a literatura sagrada descreve em frases simples, como simples foi Ele, na sua passagem pelo mundo real.

«É meia noite: abre-se o céu e, através do destelhado casebre, uma grinalda de anjos celestiais ali desce, can-

tando com entusiasmo e alegria: «Glória a Deus, nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!»

«E, ao mesmo tempo, surge, nas mãos daquele casal, um Menino, que a Esposa acaba de dar à luz. Logo ela o envolve em umas roupas e coloca na manjedoura, a seus pés.»

«A luz celestial continua a iluminar o espaço, onde não cessam os cânticos dos an-

jos; e já ali acorrem uns pastores vizinhos, guiados pela estrela misteriosa, a ajoelham-se diante da criancinha recém-nascida!»

Vai para dois mil anos que assim sucedeu. Durante este lapso de tempo, tantas vozes ímpias e perseguições persistentes surgiram, para demolir a verdade do Verbo!

Desde a crucificação, à sombra do velário dos coliseus,

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Apontamento

O rio, o mar...
Uma gaivota pairando,
com suas asas
desenhadas em onda.
Um guindaste
sobe alegremente
do porão,
como se trouxesse a manhã
presa no gancho.
E um camião
cheio de barris de óleo
com cintas furta-cores
direito, não sei onde,
mas direito,

rápido e preciso
como um operário da Cuf
alheio a metafísicas.

Brinquedos

Para nas barraquinhas
coloridas
e mansas.
Para como as crianças.
Estranho! eu sinto
a mesma gulodice
a mesma tranquila
disponibilidade.
Os carros e os bonecos
e as bolas...
Ah! também para mim
essenciais
— e longe.

Afinal, amiguinhos,
a diferença, entre nós,
reside apenas
nestes doridos olhos
molhados.

Natal

Cada um
à sua vida.
Febrilmente.
Irresistivelmente.
A cavalgada cega
de orelhas moucas
com as mãos
amputadas por dentro.
Natal? Ainda não.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

EXORTAÇÃO

Por RUY DE CHELB

É ESTA a quadra mais propícia para falar ao coração dos homens. As almas, como que penetradas do misterioso eflúvio que emana da doutrina de Jesus e põe nas consciências uma paz consoladora, sentem-se transfiguradas e aptas para os grandes cometimentos da Bondade e do Amor ao Próximo. A própria essência das Coisas parece tocada do poder maravilhoso que dir-se-ia provir das alturas onde os anjos cantam hinos em louvor do Cristo.

Não há quadra mais afectiva que a do Natal. Na verdade, crianças e velhos, pobres e ricos, todos sentem o mágico encanto deste dia. Até aqueles que, levados pela ambição doutros homens, andam na guerra, em árduas e cruentas batalhas, se sentem impelidos a estabelecer tréguas—tal a magnitude da data em que se comemora o Nascimento do Cristo. E' que uma espécie de instinto superior adverte os homens de que a sua natural condição não é o andar em lutas inglórias nem em carnificinas, mas sim o dar-se aos seus semelhantes, em actos de tocante beleza moral.

Pois não é verdade que, neste dia, os ódios se aplacem para dar lugar a um sentimento fraterno?

Não se constata que os corações perdem um pouco do seu endurecimento, permitindo que a pulcra flor da caridade entreabra a sua corola, e lance em seu redor a suave e doce fragrância do Bem?

(CONCLUÍ NA 2.ª PÁGINA)

UMA CONFERÊNCIA NO CÍRCULO CULTURAL DO ALGARVE

EM FARO

NO passado dia 21, realizou-se no Círculo Cultural do Algarve, em Faro, uma interessante palestra literária, proferida pelo sr. dr. Joaquim Magalhães, subordinada ao tema «O carácter circunstancial da obra de Garrett».

O orador, professor muito distinto do ensino liceal, teve ensejo de evidenciar, uma vez mais, os seus brilhantes dotes de inteligência, de estudioso e erudito.

Noticias do Algarve

Deseja a todos os seus estimados colaboradores, assinantes, anunciantes, leitores e amigos, um Natal muito feliz e um Ano Novo cheio de prosperidades.

CARTA DO ANO 1920

Por N. RODRIGUES PENA

UM amigo, que viveu a sua juventude por volta do ano de 1920, envia-nos a seguinte carta que se nos afigura apreciável documento para estudo e análise não só dessa época, como dos anos ulteriores. Nesse tempo, que alguns historiadores reputam como o fecho dum ciclo histórico, a acompanhar o descalabro económico, a inflação monetária, o

desemprego, surgem no panorama social a abundância de ideias que, longe de nos indicarem um testemunho de vitalidade, nos davam a verdadeira medida da decadência em que mergulhava o mundo.

Por acharmos a carta de certo interesse, aqui a transcrevemos:

Por essa época, ainda nos costumes nacionais predominava a ideia da tertúlia. Na recordação de todos estavam ainda bem presentes os grupos dos «Vencidos da Vida», e o do Fialho, no café Martinho. Eu e outros rapazes costumávamo-nos reunir num café dum bairro pacato da cidade, e tínhamos, como toda a gente, a nossa tertúlia. Todos, ali, eram vagamente artistas, literatos, misto de filósofos habituados a digerirem sonhos metafísicos e a gastarem o dinheiro que os respectivos papás mandavam no fim dos meses, para custear as despesas da pensão e das propinas.

Dos projectos, que então se levantavam na fumarada dos cigarros, tudo se desvaneceu e nada ficou, a não ser esse ressaibo amargo das tentativas que não chegam a realizar-se. Estávamos nessa idade em que se reivindica originalidade e se proclamam verdades absolutas, nuas e ásperas como espadas de bom gume. Todos éramos rebeldes, iconoclastas, dispostos a destruir, teórica e ingénuaamente, um mundo que pesava na nossa consciência como uma maldição. Naquele recanto frio, mas acolhedor, passavam bichos bisonhos, toda uma fauna variada que se julgava nascida e fadada para os apaixonantes combates da vida. Essa triste juventude, gasta pelos excessos próprios da idade, corrompida por uma literatura que não chegavam bem a compreender, ostentava nas faces maceradas a marca de Onan e os vestígios de sórdidas aventuras passadas em sédios pouco recomendáveis. Tenho meditado muito nos hinos que se erguem à juventude; confesso, pelo meu lado, que a maior parte dos rapazes do meu tempo nada têm a lamentar ou chorar a sua juventude, pois realmente não a

desemprego, surgem no panorama social a abundância de ideias que, longe de nos indicarem um testemunho de vitalidade, nos davam a verdadeira medida da decadência em que mergulhava o mundo.

Por acharmos a carta de certo interesse, aqui a transcrevemos:

Por essa época, ainda nos costumes nacionais predominava a ideia da tertúlia. Na recordação de todos estavam ainda bem presentes os grupos dos «Vencidos da Vida», e o do Fialho, no café Martinho. Eu e outros rapazes costumávamo-nos reunir num café dum bairro pacato da cidade, e tínhamos, como toda a gente, a nossa tertúlia. Todos, ali, eram vagamente artistas, literatos, misto de filósofos habituados a digerirem sonhos metafísicos e a gastarem o dinheiro que os respectivos papás mandavam no fim dos meses, para custear as despesas da pensão e das propinas.

Dos projectos, que então se levantavam na fumarada dos cigarros, tudo se desvaneceu e nada ficou, a não ser esse ressaibo amargo das tentativas que não chegam a realizar-se. Estávamos nessa idade em que se reivindica originalidade e se proclamam verdades absolutas, nuas e ásperas como espadas de bom gume. Todos éramos rebeldes, iconoclastas, dispostos a destruir, teórica e ingénuaamente, um mundo que pesava na nossa consciência como uma maldição. Naquele recanto frio, mas acolhedor, passavam bichos bisonhos, toda uma fauna variada que se julgava nascida e fadada para os apaixonantes combates da vida. Essa triste juventude, gasta pelos excessos próprios da idade, corrompida por uma literatura que não chegavam bem a compreender, ostentava nas faces maceradas a marca de Onan e os vestígios de sórdidas aventuras passadas em sédios pouco recomendáveis. Tenho meditado muito nos hinos que se erguem à juventude; confesso, pelo meu lado, que a maior parte dos rapazes do meu tempo nada têm a lamentar ou chorar a sua juventude, pois realmente não a

desemprego, surgem no panorama social a abundância de ideias que, longe de nos indicarem um testemunho de vitalidade, nos davam a verdadeira medida da decadência em que mergulhava o mundo.

Por acharmos a carta de certo interesse, aqui a transcrevemos:

Por essa época, ainda nos costumes nacionais predominava a ideia da tertúlia. Na recordação de todos estavam ainda bem presentes os grupos dos «Vencidos da Vida», e o do Fialho, no café Martinho. Eu e outros rapazes costumávamo-nos reunir num café dum bairro pacato da cidade, e tínhamos, como toda a gente, a nossa tertúlia. Todos, ali, eram vagamente artistas, literatos, misto de filósofos habituados a digerirem sonhos metafísicos e a gastarem o dinheiro que os respectivos papás mandavam no fim dos meses, para custear as despesas da pensão e das propinas.

Dos projectos, que então se levantavam na fumarada dos cigarros, tudo se desvaneceu e nada ficou, a não ser esse ressaibo amargo das tentativas que não chegam a realizar-se. Estávamos nessa idade em que se reivindica originalidade e se proclamam verdades absolutas, nuas e ásperas como espadas de bom gume. Todos éramos rebeldes, iconoclastas, dispostos a destruir, teórica e ingénuaamente, um mundo que pesava na nossa consciência como uma maldição. Naquele recanto frio, mas acolhedor, passavam bichos bisonhos, toda uma fauna variada que se julgava nascida e fadada para os apaixonantes combates da vida. Essa triste juventude, gasta pelos excessos próprios da idade, corrompida por uma literatura que não chegavam bem a compreender, ostentava nas faces maceradas a marca de Onan e os vestígios de sórdidas aventuras passadas em sédios pouco recomendáveis. Tenho meditado muito nos hinos que se erguem à juventude; confesso, pelo meu lado, que a maior parte dos rapazes do meu tempo nada têm a lamentar ou chorar a sua juventude, pois realmente não a



SEM PALAVRAS

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

A MULHER PORTUGUESA NA LITERATURA CORAÇÕES DILACERADOS

Por MARCOS ALGARVE

A MULHER portuguesa é, pela herança ancestral, pelo clima e pela educação, a mais sentimental da raça latina.

O sentimento palpita no sangue, no cérebro e no ambiente que a cerca.

Paul Loison, no seu belo drama «Almas Inimigas», coloca nos lábios duma velha senhora bretã estas palavras de censura: «Este Paris odioso parece que os enfeitou a todos, é a terra da perdição.»

O que esta alma ingénua dizia de Paris podemos nós dizer de Lisboa ou Madrid.

Cá e lá, descontados os graus de calor ou de frio, o panorama social é aproximadamente o mesmo.

As grandes cidades apre-

sentam-nos os grandes dramas, com os seus esplendores e misérias, fantasias e realidades.

Recentemente, em um tri-

bunal de Lisboa, uma senhora, acusada de delito grave, apresentou uma testemunha de defesa que fez

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

A DEFICIENTE LIGAÇÃO FERROVIÁRIA COM O SUL E A IMPREVIDÊNCIA DA C. P.

APRECIADAS NUMA BRILHANTE INTERVENÇÃO DO SR. CORONEL MANUEL DE SOUSA ROSAL JUNIOR, NA ASSEMBLEIA NACIONAL

A RECENTE intervenção, na Assembleia Nacional, do sr. coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, ilustre deputado pelo Algarve, sobre as deficiências do serviço e a falta de segurança nas ligações ferroviárias de

Lisboa com o sul do País, representa o sentir e reflecte claramente as sérias apreensões de toda a população desta província e da do Baixo Alentejo.

As desassombradas palavras daquele deputado merecem o nosso mais caloroso aplauso e vivo apoio, pois o problema, pela sua extraordinária gravidade, é digno de atenção cuidadosa e de uma resolução urgente.

Não pode, de facto, estar toda esta populosa e importante região do País à mercê de um serviço público onde, relativamente à segurança daqueles que o utilizam, se verifica, como o afirmou o sr. coronel Sousa Rosal Júnior, que «a incompreensão atinge a imprevidência e esta já contribuiu para trágicos acontecimentos».

Cremos que pouco haverá a acrescentar ao que já se tem dito sobre este assunto, conhecido de todos: envelhecimento de vias, deficiências de material, negligência por parte dos serviços de fiscalização e vigilância da

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES

PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A indisciplina de cargas nos portos do Sotavento

Desde há tempos que vimos observando uma indisciplina aflitiva no problema das cargas no Sotavento da província, indisciplina que começa a apresentar uma faceta caricata, e que acabará por aborrecer as empresas armadoras, tendo

antes remetido para os manicomios os assarapantados carregadores.

Cremos que este ambiente de semi-loucura é tecido pelos agentes dos navios que, tendo apenas em conta os seus interesses, subordinam a estes os interesses da economia da província e a tranquilidade

(CONTINUA NA 2.ª PÁGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

O ENTIMEMA DE DESCARTES

Já alguém chamou insípida bagatela ao cogito, ergo sum, je pense, donc je suis, de Descartes. Valeu a pena o filósofo ter-se levantado à meia-noite para vir afirmar ao mundo este acacia-no truismo?

Homero, conforme se diz nas folhinhas cor de rosa do Petit Larousse, dormitou, uma vez por outra (não transcrevemos o latim, porque ficávamos com latim a mais nesta nota). Descartes, que tanta coisa interessante nos disse, também dormitava, quando enunciou o seu prudomescos (e quase grotesco) entimema.

ENDOSCOPIA DA ALMA

O padre Gratry (Connaissance de l'âme... t. I, pag. 228 da 3.ª edição, segundo afirmação que leio, algures), gaba-se de ter visto a sua própria alma.

Já temos a endoscopia para o corpo. E coisa maravilhosa é essa. Podemos considerar o padre Gratry como precursor da endoscopia para a alma. Quando chegarmos à autêntica endoscopia da alma, tiraremos, acaso, conclusão diferente da que José de Maistre tirou em relação ao homem honrado? Delé, as consabidas palavras: «Não sei o que seja a alma dum patife — nunca tal fui; mas a alma dum homem honrado é abominável.»

Não sabemos se José de Maistre estava apresentando o resultado de uma endoscopia da própria alma, se da alma de algum dos seus honrados amigos.

FILOSOFIA E LIBERDADE

A filosofia requer clima de liberdade de espírito. Se quiser afinar as suas conclusões por prévias e dogmáticas premissas, já não é filosofia. No seu labaro, e a respeito da liberdade, pode ela inscrever: in hoc signo vinces. Se torcer o pescoço à liberdade de investigação racional, é como se o torcesse a si própria.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Estoi, aonde foi passar as festas do Natal, a nossa prezada assinante, sr.ª D. Adelina Paula de Sousa, professora oficial da escola feminina, desta vila.

De visita a seus pais, encontra-se entre nós o sr. José Afonso Correia Castanheira, funcionário da Caixa G. D. C. e Previdência, em Lisboa.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. cap. António dos Santos Gonçalves, com sua mãe, esposa e filhos.

Em gozo de licença, e de visita a seus pais, encontra-se entre nós, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Miguel António Socorro Domingues.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa redacção o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. Vasco Nunes, distinto clínico em Vila Nova de Cacela.

A passar as festas do Natal, encontra-se em Lisboa, em companhia de sua esposa e mãe, o sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas.

Esteve de visita a sua família, tendo já regressado à sua residência em Lisboa, a sr.ª D. Pepa Fernandes de Vasconcelos, esposa do nosso prezado assinante, sr. Delmonte Nolasco Fernandes de Vasconcelos.

Em gozo de licença, encontra-se de visita a sua família, com quem veio passar as festas do Natal, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Alfredo Caetano Bandeira Rodrigues.

A passar as férias do Natal, encontram-se nesta vila os estudantes srs. Fernando Leonel Viegas Alvares, José Limon Cavaco, Raúl Pessanha Mateus, Raúl Miguel Socorro Folque, António M. Capa Horta Correia, Fernando Abecassis Vargas Marques, eng. Joaquim José Capa Horta Correia, Rui Correia Pacheco e João Manuel Abecassis Correia.

Foram passar as festas do Natal a Lisboa, em casa de seus filhos, o sr. António Pinheiro Júnior e sua esposa.

Regressou de Lisboa a menina Maria de Fátima Carrilho Medeiros, gentil filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. Jorge Ponce Medeiros.

A passar a quadra festiva do Natal, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Damião Carrilho Medeiros.

Encontra-se em Coimbra, aonde foi passar as festas do Natal, o nosso prezado assinante, sr. dr. Albano de Lencastre, com sua esposa e gentis filhas.

Com sua esposa e gentil filha, encontra-se em Loulé, aonde foi passar as festas do Natal com sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António Pêres Correia.

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila, com curta demora, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Jordão Deleyte Domingues.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus pais e acompanhada de seu esposo, sr. dr. Ivo Madeira, a sr.ª D. Maria das Dores Gutierrez Medeiros Madeira, filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. João Domingues Medeiros, notário e advogado.

Casamento

No passado dia 18, realizou-se, na Igreja matriz de Lagoa, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Ivone dos Santos Piedade, filha do conceituado industrial portimonense, sr. José Francisco Piedade e da sr.ª D. Isabel dos Santos Piedade, com o sr. João Miguel Paulo Ribeiro Clemente, funcionário da Agência do Banco de Portugal em Portimão, filho do comerciante nesta vila, sr. Francisco Neves Clemente e da sr.ª D. Josefa Timóteo da Graça Mourão Ribeiro Clemente.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Francisco Alvo Júnior e sua esposa, sr.ª D. Rosária Alvo, e, por parte do noivo, o sr. Alvaro Ribeiro Júdice e sua esposa, sr.ª D. Helena Fernandes Júdice.

Finda a cerimónia, foi servido, em casa dos pais da noiva, em Portimão, um copo-de-água, tendo os noivos partido seguidamente, em viagem de núpcias.

Desejamos ao novo casal as maiores felicidades.

Assinala e propaga "Notícias do Algarve"

NATAL DO HOSPITAL

REALIZA-SE, amanhã, o 3.º Natal do Hospital, organização da Delegação da Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa.

A concentração far-se-á, pelas 14 horas, no Largo da Estação Velha dos Caminhos de Ferro, desfilando pela Rua Eça de Queirós, Rua Vasco da Gama, Avenida da República, Rua de Aveiro, Praça Marquês de Pombal (que tornerà) e Rua de Aveiro, até ao Hospital.

A comissão pede a todo o comércio e indústria, representantes de organismos ou particulares que se desejem incorporar, o favor de comparecerem à hora indicada e, se possível, com os seus estandartes.

Durante o percurso, far-se-á a recolha de donativos.

A todo o tempo, é tempo de dar.

EXORTAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

E tudo isto, porque? Para comemorar o Nascimento daquele que veio ao mundo, a fim de ensinar aos homens a mais sublime doutrina—essa doutrina que diz serem todos iguais, perante Deus.

Lembremo-nos, no entanto, de que o Natal é também o dia consagrado à Festa da Família—mas, enquanto houver bocas famintas e gente sem lar; enquanto essa gente for tratada como membros estranhos à Grande Comunidade e, portanto, irradiada do banquete da vida; enquanto não se tornarem vínculo forte os laços de Solidariedade Humana, a Festa da Família continuará sendo, pelo menos para essa gente, a irrisão que ainda hoje é.

Mas, porque não se faz nos outros dias aquilo que se faz no dia de Natal, e deixa nas consciências uma paz abençoada? Porque não seguir esse instinto superior, que é a própria essência do homem? Sim!—porque não obedecer a esse imperativo, que mostra, afinal, o único caminho que ao homem cumpre trilhar?

Sesus é o Príncipe da Paz. Deixemos que Ele reine em nossos corações. Mas tornemos os nossos corações moradas dignas do Cristo—para o que devemos de expurgá-los de toda a casta de paixões ruins.

Não basta comemorar o Nascimento do Cristo. É preciso que o Espírito Crístico nasça em nós próprios, nos nossos corações, no recanto mais íntimo das nossas consciências. E, para isso, torna-se necessário transmutar o egoísmo em abnegação, o ódio em amor, a vaidade e o orgulho em humildade cristã.

Esforcemo-nos, pois, por que o Cristo nasça em nós e perdure em nossas aspirações, em nossos pensamentos e em nossos actos.

Essa continuidade de acção seria a melhor garantia da nossa felicidade.

Rui de Chelb

Baile de Beneficência NA CAPITANIA DO PORTO

PROMOVIDO por uma comissão de senhoras, realiza-se no próximo dia 1 de Janeiro, no Salão Nobre da Capitania do Porto desta vila, gentilmente cedido para este fim, um baile de beneficência, que será abrilhantado pela Orquestra «Pax» Júlia, de Beja. É de esperar que todos os que podem contribuir com a sua presença a tão animado baile, a favor dos que precisam.

CANÁRIOS MESTRES CANTORES

NO passado dia 15 do corrente, chegou a Lisboa mais uma colecção de 16 canários, insignes cantores, importados pelo conhecido canaricultor Francisco Rodrigues Junqueira, de Cascais, destinados alguns ao seu «Orfeão Dourado», o único que na Península se tem apresentado em concertos da Rádio, e outros como professores de canto dos canários nascidos em viveiros portugueses. Na noite de 24 do corrente, pelas 18,45 horas, foi emitido, em Rádio Clube Português, mais um concerto do já famoso «Orfeão» daquele criador, dedicado à Festa da Família.

Tinturaria Portuguesa APARTADO N.º 21 MATOSINHOS

1954 / 55 TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

Deseja aos seus Ex.ªs Clientes e amigos Boas Festas e um Ano Novo muito próspero.

Para si, minha senhora UM NATAL FELIZ PARA TODA A CRIANÇA PORTUGUESA

O SOL que entra pela janela e me bate nas mãos convida-me para o ar livre, aproveitando este dia amoroso de Dezembro em que se digna brilhar. Mas a crónica da semana de Natal tem que ser escrita aqui, e estou distraída, seguindo com o olhar as poeiras que dançam um bailado louco nesta esteira de luz doirada. Em todas as casas se abrem as janelas para este abençoado e inesperado sol entrar à vontade, e assim os preparativos para o dia grande entre os maiores começam num ambiente nada igual ao dos outros anos. Todas as mães, todas as avós, todas as madrinhas, aproveitando estes belos dias, se precipitam para as lojas, comprando aquelas surpresas encantadoras, que tornarão o dia 25 de Dezembro o mais lindo de quantos o ano tem.

As esposas e as noivas procuram a gravata mais bonita, afinal — quantas vezes! — a mais feia para eles; os botões de punho, a caixa de charutos ou o livro que julgam apetecidos. Qualquer loja incarácterística é, agora, como que um palco onde os personagens vivem apenas para dar largas aos mais ternos sentimentos de amor. Em louvor do Deus Menino, que nasceu há 1954 anos para nos salvar, nós amamos todas as crianças, as nossas e as alheias, nós amamos o próximo como a nós mesmos e sentimos que não há senão bondade sobre a terra.

Não fossem duas lembranças tristes e o Natal de 1954 seria — com esta multidão comprando alegremente e esta outra que vende entre sorrisos as prendas do Menino Deus — talvez o mais feliz para a mulher portuguesa desde 1939, ano em que tanta dor e tanta desgraça se geraram.

Uma das tristes recordações é a das crianças que na Índia Portuguesa — mercê do bloqueio económico da União Indiana — não terão certamente, no dia de Natal, as mesmas goluseimas, os mesmos brinquedos e o mesmo ambiente alegremente despreocupado das suas irmãs continentais. A outra lembrança triste é a daquelas pobres crianças que constituem um «estorvo» para a vida de suas mães. Olhando todas estas mulheres que uma chama de amor precipita para as lojas, desde a que veste o rico casaco de peles e compra o brinquedo caro — última maravilha da mecânica — até à que leva apertada, junto ao chaille, a modesta camioneta de madeira, julgo ser um mau sonho o caso da petizeta de 3 anos, que não há muito a mãe abandonou nas ruas, sem temor por um automóvel que a matasse traiçoeiramente, por um cão que a mordesse, por um homem que a maltratasse. E não passará de outro sonho mau o caso daquela senhora «elegante vestida», que abandonou, numa escada, uma criança recém-nascida. Dir-me-ão, certamente, que sempre houve mães abandonando os filhos e está bem viva ainda entre nós a lembrança das «rodas» que existiam nos con-


ventos, com a irmã «rodeira» a receber os pequeninos. A mãe desse tempo sabia, porém, que entregava o seu filho a mulheres há muito afastadas do mundo, mulheres que se dedicavam apenas à tarefa de ser boas e carinhosas para os pobres, para as crianças. A mãe que hoje abandona uma criança nestas ruas, onde todos nós, adultos, temos receio de andar, é, na verdade, uma verdadeira criminosa. No fundo, a culpa de haver tanto pequenino indesejável é a falta de uma lei que dê a cada criança um pai. Com os olhos postos no Menino Deus, rezemos, rezemos muito para que ele ilumine os homens da nossa terra, de modo a criarem esta lei. Não importa que esta lei exista, ou não, noutros países. Também nós, portugueses, vencemos o Mar Tenebroso, quando outros o julgavam impossível; também o nosso Padre Américo criou, em moldes desconhecidos do mundo, esse admirável Património dos Pobres. Os bebés que se abandonam são sempre crianças sem pai. No dia em que todo o homem for responsável pela manutenção da criança a quem deu a vida, deixará, temos a certeza, de haver «estorvos» abandonados nas ruas ou nas escadas e salvaremos, ao mesmo tempo, muito português que nem sequer chega a nascer. Só no dia em que essa lei for promulgada, nós, as mulheres católicas, seremos completamente felizes, pensando na alegria dos nossos filhos, sem que nos aperte o coração a lembrança triste desses filhos sem pai que amanhã darão enorme contingente às cadeias e aos hospitais e que, ao contrário do que muitos supõem, não são às centenas apenas, mas aos milhares.

Rezemos, pois, sempre com muita fé, ao Bom Jesus, para que não haja sobre a terra portuguesa — de gente tão boa, afinal — pequeninos que já nascem desgraçados, e para que toda a criança tenha um Natal feliz, com pão e com um pai.

Noémia Gil Faria

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República Telefone 12

EMPRESA RODOVIÁRIA Horário da nova carreira entre VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO e BEJA Iniciada em 21 de Dezembro de 1954

Cheg.	Part.	LOCALIDADES	Cheg.	Part.
—	15,00	Beja	13,40	—
15,11	15,12	Boavista	13,28	13,29
15,31	15,32	Trindade (cruz.º)	13,08	13,09
15,56	15,57	Vale de Açor	12,45	12,44
16,12	16,13	Algodor	12,27	12,28
16,22	16,23	Alcaria Ruiva	12,17	12,18
16,54	17,00	Mértola	11,44	11,46
17,28	17,29	Espírito Santo	11,16	11,16
17,36	17,37	Zambujal	11,09	11,09
17,51	17,52	Santa Marta	10,55	10,55
18,12	18,13	Balurco (cruz.º)	10,55	10,55
18,26	18,27	Alcoutim	10,21	10,22
18,40	18,41	Balurco (cruz.º)	10,08	10,08
18,44	18,45	Balurco	10,04	10,05
19,25	19,26	Odeleite	9,23	9,24
19,49	19,50	Azinhal	8,59	9,00
20,13	20,15	Castro Marim	8,55	8,56
20,25	—	Vila Real de Santo António	—	8,25

EXECUTA-SE DIARIAMENTE

NOTA — Esta carreira substitui a existente entre Vila Real de Santo António e Mértola. Mantêm-se todos os actuais horários entre Mértola e Beja.

PELA VILA

A partir do dia 1 de Janeiro, próximo, todos os trens e carrinhas passam a estacionar, obrigatoriamente, no Parque destinada para esse efeito, à entrada da vila.

A Câmara deste concelho recebe propostas, em carta fechada, até ao dia 30 de Dezembro corrente, para o arrendamento do citado Parque de estacionamento de veículos hipomóveis. As condições de arrendamento encontram-se patentes na secretaria da Câmara Municipal.

Em 3 de Janeiro, iniciar-se-ão os trabalhos para a construção da estrada de acesso à Praia de Santo António (Ponta da Areia).

IV Concurso de Trabalho Organização Nacional Mocidade Portuguesa

FASE NACIONAL

Resultados do Concurso de Trabalho, realizado em Lisboa:

Secção de Carpintaria: 3.º lugar, Ilídio Manuel Custódio.

Secção de Marcenaria: 3.º lugar, Vitor dos Santos Brito.

Ambos pertencentes às oficinas do Centro Extra Escolar n.º 1 da Mocidade Portuguesa.

Secção de Serralharia Mecânica: 3.º lugar, Alcário Ribeiro Salas, da Serralharia Ramirez & C., Filhos.

A este assunto nos referiremos, mais detalhadamente, no próximo número.

A DEFICIENTE LIGAÇÃO FERROVIÁRIA COM O SUL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

assistência a que são votadas as «vítimas» dos desastres da C. P.

Enquanto qualquer empresa de camionagem de passageiros é obrigada a manter um seguro contra acidentes, para todos aqueles que utilizam os seus serviços, a C. P. não só está incompreensivelmente dispensada de fazê-lo, como também se alheia completamente do assunto, quando, como no caso do descarrilamento do «rápido» do Algarve, tinha o dever moral de fazê-lo.

O assunto ainda não foi resolvido como o mandam as normas do bom senso e da justiça. Por isso, é com o maior prazer que arquivamos nestas colunas a parte do discurso que o sr. coronel Sousa Rosal Júnior proferiu, e que lhe diz especialmente respeito:

«No caso presente, as severas punições não foram aplicadas, certamente por não terem passado de simples suspeitas o descuido, a negligência e o excesso de confiança que transparecem do relatório do inquérito feito pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres.

Nada, porém, foi dito quanto a providências a tomar e socorros a prestar às famílias dos mortos, que ficaram privadas, abruptamente, de um amparo com que contavam para viver e tomar rumo na estrada difícil da vida.

Em outros acidentes de consequências menos funestas e até em desastres em terra alheia, não têm faltado gestos carinhosos e caridosos do valor e intensidade daqueles que foram justamente aqui enaltecidos, de maneira eloquente e sentida, pelos nossos ilustres colegas Mons. Santos Carreto e dr. Morais Alcáçava, a propósito das consequências e providências tomadas quando do tornado de Castelo Branco. Gestos que estiveram ausentes para o descarrilamento do rápido do Algarve, que no balanço dos mortos foi dez vezes superior àquele. (O sublinhado é nosso). Gestos que poderiam ainda manifestar-se, fazendo chegar às famílias das vítimas que, por meio de inquérito, fossem julgadas em condições de serem socorridas alguns meios que permitissem reajustar as vidas daqueles que o acidente traiçoeiramente desequilibrou.

O Fundo de Socorro Social poderia ser o instrumento apropriado, e a quadra do Natal a ocasião bem escolhida.

Isto, porque da protecção das leis nada se pode esperar, quando não há responsáveis incriminados.

Para evitar que as coisas se apresentem sob o aspecto incerto e dependente da vontade ou do sentir dos homens, deve levar-se a C. P. a criar uma previdência que possa acudir materialmente às vítimas de tais acontecimentos, já que os danos morais são irreparáveis.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 17 a 23 de Dezembro:

TRINEIRAS	
Maria Rosa	34.260\$00
Brisa	31.900\$00
Leste	26.865\$00
Raulito	24.700\$00
Sam Domingos	24.495\$00
Agadão	23.485\$00
Infante	19.830\$00
Flor do Guadiana	19.600\$00
Levante	14.000\$00
Pérola do Guadiana	13.000\$00
Janita	10.795\$00
Liberta	10.065\$00
Briosa	10.040\$00
Deolinda Rita	7.440\$00
Ponta da Piedade	5.270\$00
Tôluiz	4.740\$00
Novo S. José	2.190\$00
Total	282.675\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 17 a 23 de Dezembro:

Entrados: GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

Saídos: COSTEIRO, Português, de 629 ton., para Lisboa, com minério.

GRANDSON, Suíço, para Marselha e Génova, com amêndoa e conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 25 a 31 de Dezembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Tinturaria Portuguesa APARTADO N.º 21 MATOSINHOS

NATAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

até à incomunicabilidade dos cárceres, os irmãos em Cristo tudo têm sofrido, sempre firmes na fé, na certeza, na permanência, na bem-aventurança.

E recordamos nós que todo este rosário de magníficas presenças perante Deus teve a sua origem naquela noite de 24 de Kislén, do ano 794 da era de Roma!...

«Natalis invicti!» E desde aí, pelos séculos além, a Natividade celebra-se como episódio «princeps» da religião de Jesus.

No Portugal metropolitano e ultramarino, e no estrangeiro, onde se levanta um lar lusitano, a noite de Natal é celebrada a um canto das salas ricas, emoldurado com colchas de damasco, e na modesta lareira do pobre e do remediado.

E como festejamos tão luminosa data?

Reconstituindo o «destelhado casebre», Maria e José velando o Menino, os Pastores da adoração, a vaca e o jumento defendendo do frio, com o seu bafo, o Corpinho divino, a Estrela iluminando o ambiente, e a legenda angelical — «Glória a Deus, nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!»

HORTA

Vende-se, próximo desta vila. Tratar na Rua Cândido dos Reis, 76 — Vila Real Sto. António.

nhia concessionária. O prémio do seguro ou a receita para o fundo poderiam ser pagos pelos próprios passageiros, mediante uma pequena percentagem lançada sobre o preço dos bilhetes, atendendo a que são muitos os que viajam e são poucos os desastres graves.

A última modalidade é, porventura, a menos aconselhável, porque obrigaria a montar um serviço novo, que absorveria grande parte das receitas, com prejuízo da sua finalidade.

O assunto, repetimos, ainda não foi resolvido, e é necessário que a C. P. se convença de que, no seu próprio interesse, não pode ignorá-lo.

TRIBUNA DOS NOVOS

OS DISCOS

Nestes últimos tempos, apenas se ouve falar de discos chavenas, pires, charutos, enfim, uma verdadeira loja de bric-à-brac de objectos «voadores».

Há quem os tenha visto: azuis, verdes, encarnados, amarelos, fosforescentes, às riscas, enfim, todas as cores têm sido vistas a voarem por esses céus, como se um pintor distraído tivesse deixado a paleta das aguarelas a voar e a descrever círculos graciosos e cheios de cor, no azul dos céus.

Até mesmo já há quem tenha visto os ocupantes dos citados discos, os marcianos selenitas, venusianos, conforme o planeta donde venham.

Umas pessoas descrevem os ocupantes das naves siderais, como seres gordos, às rodélas, como um paio de lombo; outras dizem que são altos e esguios, com capacetes de vidro a encobrir-lhes o rosto, talvez por causa dos mosquitos e dos gafanhotos. Houve até quem tivesse visto uma marciana bonita, alta, jovem e... sem nada de marciana.

Ora, há poucos dias, encontrei o meu amigo Felisberto, que me apareceu triste e cabisbaixo, e com um ar de quem está ausente.

— Olá, Felisberto, que tens tu? Parece que viste «disco».

— Pois é, foi por isso mesmo.

— Conta lá o que é que tu viste. Parece que andas na Lua.

— Pois foi, por ter visto disco, e ter estado na Lua um dia inteiro.

— Mas, agora reparo, Felisberto, que tens um olho negro. Que te aconteceu?

E com efeito, o Felisberto tinha uma auréola negra a ornamentar-lhe o globo ocular.

— Como foi isso Felisberto?

— São histórias tristes, que como sempre, só a mim me acontecem.

Calcula tu que eu, desde que me casei, nunca mais tive uma paródia, se bem que o meu casamento não foi uma paródia, foi uma festa fúnebre. A minha Felisberta nunca é capaz de deixar-me um minuto só. Saio de casa, tenho de assinar o ponto no escritório, e de volta a casa, torno a conferir a hora de saída do escritório e assinar o ponto da casa, senão a minha mulher prega-me com um objecto na cabeça, e então fico não com um, mas sim com dois pontos.

Ora, no outro dia, quinta-feira, encontrei, nos Restauradores, o Zeferino, um velho amigo lá do Minho, que já não via há mais de 10 anos.

Começamos a falar, a recordar tempos passados. Daí a pouco, já estava convidado para ir ao Arcádia, numa noite de pândega que prometia ser memorável.

Nesse dia, já não fui a casa, andei o resto do dia na paródia, e à noite é que foram elas, arranjámos umas espanholas, uns «champanhes» e foi formidável, dancei, bailei, cantei, bebi, eu sei lá, o Zeferino é que pagava tudo.

Quando acabou a festa, o Zeferino mandou vir um «taxi», e eu e a minha Lola, o Zeferino e a sua Do-lores, que era tão espanhola que até dizia «inté», «bñho» e «bijou», fomos visitando todas as «farmácias» das redondezas, e então é que provámos o vinho novo.

Pouco depois, fomos levá-

las a casa. E... regressámos.

Então é que eu comecei a pensar: — que desculpa é que havia de dar à minha Felisberta? Comprei o jornal e fui andando a passos largos, direito ao inferno que me devia esperar em casa.

Mas, de repente... vejo na 1.ª página do jornal uma notícia dizendo que cada vez apareciam mais «discos voadores», e que até um tinha descido na serra, cá em Portugal. Oh! aqui estava a desculpa.

Com a cara alegre, dirigi-me a casa. Mal entrei, vi a Felisberta e a família toda reunida. Logo que entrei, abracei a minha Felisberta:

— Querida, que saudades! Mal sabes tu o que me aconteceu.

Com cara de quem presente «moiro na costa», disse logo:

— O que é que te aconteceu?

— Ah, Felisberta, vinha ontem passando pelo Parque Eduardo VII, quando me apareceu um disco voador; saíram de lá dois marcianos, e pumba, levaram-me para o disco, e eis-me por ares e ventos. Mal tive tempo de pensar, e já eu ia por esses céus, vendo planetas, estrelas cintilantes, viagens enormes e no outro dia zás, por aí abaixo novamente até ao Parque onde me deixaram. Mal calculas tu a pena que tive em não te levar!!!

E tudo começou logo a fazer-me perguntas, se o céu era azul, como se via cá de baixo; a minha sogra perguntava-me se tinha visto o portão do céu, e o respectivo S. Pedro...

De repente, batem à porta. A Felisberta foi ver quem era, e eu continuei a contar as minhas aventuras.

Ah!, meu amigo! A minha mulher apareceu na sala, de cara furibunda e olhou para mim de vista torva:

— Olha, Felisberto, já que andaste lá por cima, e te esqueceste de trazer algumas recordações, apanha lá este disco, e vê se vês as estrelas.

E apanhei logo com um prato na cabeça, depois uns socos; até a minha sogra, que tem reumático nas dobradiças pôs-se encavalitada nas minhas costas e dava-me socos na cabeça; o meu sogro, com ar muito circunspecto, dava-me com toda a alma com a bengala.

Eu já via discos pretos, azuis, vermelhos e estrelas de todos os tamanhos e feitios.

Depois, é que soube que o «groom» lá do Arcádia, que mora perto de mim, veio trazer-me a gabardine que eu tinha deixado lá esquecida.

Adeus, meu caro amigo, cá vou à vida, e tenha cautela com os discos.

— Adeus Felisberto!!

A. de Mendonça

NÃO HESITE

Para os seus trabalhos tipográficos ou carimbos

PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
Telefone 59 Apartado 3
Vila Real de Santo António

PREDIO

VENDE-SE
Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.
Propostas ao dr. Luís Bernardino da Silva—Olhão.



DESporto

FUTEBOL

Campeonato Nacional-II Divisão (Zona Sul)

Mais uma jornada da II Divisão, que passou e com ela, uma tarde «cinzenta» dos grupos da nossa provincia. Em Lisboa, a equipa de Faro perdeu pela tangente, frente aos representantes de Marvila; em Almada, o Portimonense foi batido pelo resultado de 4-2, frente ao Atlético local, e em Olhão, realizou-se o Olhanense-Beja, tendo-se verificado o resultado de zero bolas.

OLHANENSE, O — BEJA, O

Resultado justo, pelo jogo desenvolvido pelas duas equipas

Mais uma vez, o glorioso clube de Olhão cedeu um ponto no seu ambiente. Embora a equipa de Olhão não tenha ainda esta época demonstrado o seu valor, nunca pensámos que deixasse o Beja vir a Olhão arrancar um ponto, depois do excelente resultado que obtivera em Portimão. Na verdade, a equipa local empatou e não há comentários a fazer, pois o jogo foi bastante fraco tecnicamente, tendo-se os dois grupos limitado à defesa. O Olhanense teve na verdade mais ocasiões de golos, mas a finalizarem foram péssimos, chegando Rosa sempre à frente dos lances.

Mais uma vez, esperamos que o Olhanense saia desta crise, que tanto o tem atormentado, e para isso confiamos no brio dos seus jogadores.

Apreciações individuais do Olhanense

Vejamos o trabalho dos 22 atletas.
Abraão: Não foi muito apertado com trabalho, mas uma saída, aos pés de Marcelino, merece relevo.

Ezequiel: Sóbrio, calmo e seguro, cumpriu. Na 1.ª parte, bateu mal a bola, mas, na 2.ª parte, melhorou sensivelmente.

Tavares: Convenceu-nos abertamente no ingrato posto de defesa central. Foi um polícia constante de Marcelino, chutando acertadamente com qualquer dos pés, e muito bem em golpes de cabeça. Foi o melhor homem dos 22.

João Manuel: Esteve inferior ao normal, especialmente no bater a bola. No segundo tempo, esteve melhor.

Toupeiro: Não há dúvida de que é o fulcro da equipa. Todo o jogo da equipa sai dos seus pés. Defendeu bem e atacou excelentemente.

Poeira: Está a descair, e já é tempo de descansar, se atendermos que veio dos juniores.

Os extremos Paulo e Rangel: Muito ingénuos, não souberam explorar as largas concedidas.

Os interiores D. Duca e Fernandes: Gostámos de Fernandes, que esteve bem no orientar as jogadas. Pecou pela retenção da bola. Del Duca fez, a nosso ver, o seu pior jogo desta época.

O avançado-centro Eminência: Foi de todos o melhor, com a idade que conta, e foi neste encontro o mais útil avançado local. Jogou muitíssimo bem.

Apreciações individuais do Beja

Rosa: Foi o melhor jogador do seu grupo. Fez defesas que o creditam como um bom «porteiro». Ele salvou o seu grupo da derrota.

Passinhas: Teve cortes e cruzamentos que mostram o seu valor. Pecou no bater a bola.

Sardinha: Nunca foi o def. sa seguro e habitual do costume. Jogou mal.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

Camiruaga: O espanhol esteve bem. Só isto serve para o destacar.

Moreno: Boa exibição, seguro, firme e decidido. Impôs-se bem aos dianteiros de Olhão.

Apolinário: Não jogou mal, mas também, não nos pareceu um médio, pois defende mais que ataca. Não se preocupando com o interior à sua guarda.

Os extremos Peixoto e Araújo: Deram sempre seguimento às jogadas e mostraram bastante energia e valentia.

Os interiores Lagos e Vidal: Jogaram acertadamente. O avançado-centro, foi, quanto a nós, o melhor avançado.

Inocêncio Calabote gostou do encontro

O árbitro Inocêncio Calabote gostou do encontro, pois foi jogado com energia e entusiasmo, e acha o resultado justo, embora o Olhanense pudesse ter feito no 1.º tempo, dois golos.

Herculano Valente

CAMPEONATO DISTRITAL da 1.ª Divisão

Resultados do passado domingo:
Boa Esperança-LUSITANO . 1-5
Louletano-S. L. e Faro . 1-1
Silves-C. F. Esperança . 4-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO	7	5	2	—	26	10
Silves	7	5	2	—	15	8
S. L. e Faro	7	2	2	3	10	12
Louletano	7	2	2	3	11	14
B. Esperança	7	—	3	4	10	17
E. p. Lagos	7	—	3	4	7	21

CINE-POZ

Apresenta hoje, dia de Natal, a super produção da Metro, *Uma aventura em Roma*, com Van Johnson e Paul Douglas. A história de dois homens que foram a Roma no Ano Santo. Um tinha uma missão sagrada; o outro, cuja missão não era tão sagrada. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Domingo, dia 26, *A paixão de Jane Eyre*, com Joan Fontaine e Orson Welles. O filme conta-nos o drama duma preceptora que, depois duma infância de martírio, se apaixonou por um homem violento, casado com uma louca. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, dia 30, o arrebatador filme italiano *Cavalgada de heróis*, com Carla del Poggio. O histórico assédio a Roma pelos franceses, contado com impressionante realismo. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.

F. MORAIS RODRIGUES
Rua Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

À sua digníssima Clientela e Amigos

a Casa Reinaldo dos Santos Madeira

CASTRO MARIM

Deseja um feliz Natal e um próspero Ano Novo.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dos exportadores. Ora se anuncia um navio para Portimão; ora se anuncia o mesmo barco para Olhão e, por fim, o dito barco vem atracar, sossegadamente, ao único local próprio para carregar ou alijar os porões. Mas enquanto isto se verifica, os interessados são obrigados diariamente a perguntar para onde há-de mandar as suas caixas, os seus sacos ou os seus fardos.

Ora, isto não está certo! Se há um porto em óptimas condições para servir a nossa região, porque se anda a brincar com coisas sérias? Em brincadeiras de mau gosto, hemos de convir.

Nos tempos em que não havia camionagem e eram morosos e caros os transportes em caminho de ferro, ainda se compreendia que as nossas mercadorias corresse o risco de se afundarem na costa ou chegassem ao destino semi-inutilizadas, como muitas vezes aconteceu com a alfarroba e as latas de conservas, objecto frequente de reclamações, por aparecerem ferrugentas devido a terem apanhado água. Nesse tempo, compreendia-se que tão desagradáveis e incomodativos precalços se registassem. Hoje, persistir neles é não ter a mais rudimentar noção do que é defender e acautelar essa mercadoria, o que nos parece levianidade pouco consentânea com os tempos que vão correndo.

Ainda há dias se afundou, ao largo da barra Faro-Olhão, uma barca carregada de alfarroba, sem perdas de vidas, felizmente, prejuízo que se teria evitado se não se persistisse em remar contra a maré. Vários sinistros se têm ali verificado, e não poucas vezes, depois das barcas carregadas, tem sido necessário fazer o seu transbordo para camionetas ou vagões que as conduzam à segurança do porto exportador. Quem paga estes prejuízos, quem indemniza os armadores, como se explica aos destinatários o aspecto conflagrador das embalagens, depois de sofrerem tantos maus tratos?

Parece-nos que é a altura de industriais e exportadores, perante esta indis-

ciplinação jigajoga, fazerem valer os seus interesses, muito mais respeitáveis, em nosso entender, do que os daqueles que parecem não se lembrar de que entregar no destino uma mercadoria impecável e a horas também faz parte das boas normas do comércio.

A pesca em Setúbal A crise de pesca, que tanto affligiu Setúbal nos últimos anos, teve, felizmente, uma pausa em Outubro e Novembro. A lota industrial registou, nesses meses, o volume de vendas, respectivamente, de 5.951.310\$00 e 6.811.744\$00. No ano anterior, as vendas tinham sido, respectivamente, de 3.797.645\$00 e 836.422\$00.

Parabéns a pescadores e conserveiros!

Ainda o preço da sardinha A propósito, ainda, do preço da sardinha na sardinha nas lotas, o «Diário do Alentejo», na sua secção de Portimão, insere a seguinte local:

«O semanário «Notícias do Algarve», que se publica na importante e progressiva Vila Real de Santo António, teve a gentileza de transcrever e comentar, no seu último número, parte da nossa local acerca da necessidade de fixar um preço para a sardinha, insere no n.º 6862 deste jornal.

Trata-se, na verdade, de um problema de grande acuidade, momentaneamente na parte que diz respeito à defesa dos interesses das classes piscatórias, a quem o velho processo das lotas, se traz benefícios quando o peixe escasseia, não deixa de acarretar os mais elevados prejuízos, quando, como agora, é feita a apanha, uma vez que as coloca automaticamente na dependência da indústria de conservas, que paga o fruto do seu árduo labor ao preço que melhor entende.

Estando em causa, portanto, os interesses de um dos maiores sectores da actividade industrial portimonense, e até nacional, não será demasiado o esforço que se fizer para solucionar tal problema que tão directamente diz respeito ao povo portimonense, que vive a tarefa rude da apanha do peixe.» — J. B.

GRUPO DRAMÁTICO

«GIL VICENTE»

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO

NA passada quarta-feira, 22 do corrente, realizou-se um jantar de confraternização dos componentes do simpático agrupamento teatral «Gil Vicente», que faz parte do Glória Futebol Clube, desta vila.

Estiveram presentes quarenta pessoas, incluindo a Direcção da C. A. do citado clube, tendo a festa decorrido em ambiente de franco entusiasmo, a traduzir uma forte unidade entre todos os componentes.

Durante o repasto, trocaram-se amistosos brindes, tendo usado da palavra os srs. António A. Sacramento Machado, presidente da C. A. do Glória, o ensaiador José Parra, José Padesca, fundador do grupo cénico, José Manuel Pereira, ensaiador coreográfico, e, por último, a sr.ª D. Maria José Calé e os srs. José Fernandes, João Fernandes Vaz-Velho e Emílio dos Santos Ferreira.

Fizeram-se afirmações de esperança nos destinos do grupo e do respectivo clube, em vista ao progresso do teatro de amadores nesta vila, e, para programa future de trabalho, anunciou-se o início dos próximos ensaios, com a peça «A Justiça», em 3 actos, original de Ramada Curto, sendo a distribuição dos papéis feita na próxima semana.

Depois da citada festa, foi servido, na sede do G. F. C., um licor de honra aos convivas.

Visado pela Comissão de Censura

É próprio do Inverno «enganar» o descuidado; ninguém se engana, no passo, se «VIRESA» tiver comprado!



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Quadros da quadra que passa

NATAL! Natal! As lojas abarrotam de fregueses, na maior parte apressados, que à última hora se recordaram de que sempre valia a pena comprar mais isto ou mais aquilo. Os caixeiros não dão mãos a medir e os patrões sorriem, pensando intimamente em como tudo correria melhor, se todos os dias fossem véspera de Natal. Já o bom gosto disponível se dedicara, com afinco, à ornamentação das montanhas, conseguindo resultados mais ou menos lisonjeiros, a julgar pelos ajuntamentos que se lhes formavam em frente.

O frio continua, mas a alegria da data e o como que dinamismo deste emanado fá-lo parecer menor. Trocam-se votos de boas festas e o movimento diminui com a aproximação da hora do jantar, que ainda não é o «grande jantar». Diminui por um lado, recrudescendo por outro. Uma infinidade de rapazes de várias idades entra então em acção, armada de instrumentos, os mais esquisitos. São chocalhos, guizos, almofarizes, harmónicas, garrafas com garfos, cântaros com capachos, tudo o que, enfim, seja susceptível de produzir ruídos de aspecto musical. Começa a sinfonia, e tremam os que pretenderem demonstrar que não estão em casa, apagando as luzes à pressa, ou os que não têm trocos disponíveis, pela sara-banda de adjectivos, nem sempre agradáveis de ouvir, com que são mimoseados.

O aumento do frio e o decorrer das horas acabam por fazer com que as pseudoorquestras recolham à procedência e é agora a Missa do Galo a origem do acréscimo de movimento que se vai notando.

Chega o grande dia, o Dia de Natal propriamente dito. Costureiras e alfaiates trabalharam sem descanso para que, na Missa da manhã e no passeio da tarde, pudessem ser exibidas as novas fatiotas e toilettes. Alguns dão à pressa os últimos retoques, sob os olhares ameaçadores dos clientes a quem haviam prometido não faltar e que pareciam duvidosos quanto ao cumprimento da promessa. A mal ou a bem, os mais «graves» problemas do vestuário são, porém, solucionados e todos conseguem fazer a boa figura, que há-de repetir-se dentro de oito dias, pelo Ano Novo.

O passeio, salvo chuva, está concorridíssimo. Tudo brilha, tudo sorri, as pastelarias regorgitam (ou não fossem os doces complemento natural da boa disposição). O jantar do Natal, que para muitos simboliza a quadra, encontra-se quase pronto, e de entre os passeantes há quem esteja a lamber os beiços pensando no «opipar» repasto que vai ter. Alguns, até, querendo deixar o dia marcado com um gesto magnânimo, dão uns tostões ao Adão ou a outro pobre que os aborda, coisa que não faziam de há muito tempo...

Escurece. O passeio mantém-se animado até tarde, por influência do local, das luzes e das indumentárias. Pensa-se então a sério no estômago, e talvez um pouco na fita que o cinema exhibe a seguir. Os grupos dispersam, ficando para o fim os que desejam saborear, até ao último bocado, o prazer de verem e de serem vistos.

Desta vez, não falamos no jantar, cuja ementa é quase sempre a mesma dos dias de Natal anteriores, com a correspondente e inevitável razia de galináceos e quejandos, como não falaremos no filme que encerra estas comemorações, dado que a crítica poderia pecar por antecipada... E a vida continua.

A. A. de Sousa

CASA
Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.
Tratar na Avenida da República, n.º 118.

CISCO PARA BRASEIRAS
Vende-se, em sacos ou a retalho, na Padaria Felizardo, desta Vila.

NATAL

*Sendo o Sol astro dos Reis
E dos pobres sem calor,
Para que fazer mais Leis
E mais prisões, meu Senhor?...*

*O Mondego a deslizar
Pelas margens do Choupal,
Como a serpente a saltar
Em volutas de cristal...*

*Guadiana, meu amigo,
Quem me dera o teu destino:
De noite, mar inimigo;
De dia, um anjo divino!*

*Hoje, é dia de Natal,
E amanhã o que será?
As fontes vivas do Mal
Cantam como o sabiá...*

*Renasce a Fé, todos anos,
O Menino e a Esperança...
Do mistério dos arcanos
Brotam a Luz e a Confiança!...*

NATÉRCIA ALGARVE

CARTA DO ANO 1920

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

viveram. Pode-se dizer dessa juventude aquilo que se atribui a certas mulheres: não têm história. De muitos desses rapazes, quebrados os laços que nos uniam no café, nunca mais ouvi falar; perderam-se, enterraram-se nesse esquecimento que pesa na vida mais do que qualquer pesada lousa de cemitério. Mas, de toda essa rapaziada, sem dúvida brilhante nas ideias, o que mais perdurou na minha memória foi um rapaz de olhar vago e místico, faces maceradas por vigílias, voz voluptuosa e sensual; o corpo de efebo, as mãos esguias e aristocráticas, o ar blasé, apesar da aureola que lhe apontava no olhar débil e mortício. Alcançaram-no de «Ventriloquo», nome assás poético, mas que aderira bem à sua personalidade. Sem ideias próprias, sem uma individualidade bem definida, ele era como um autêntico fonógrafo, dotado especialmente dum notável ouvido, que o levava a captar, com assombrosa facilidade, tudo o que se dizia ou murmurava ao redor. Passou toda a vida dependurado nos ombros das celebridades do tempo, amesquinhando o que lhe restava da sua personalidade em gestos insignificantes e torpes, fazendo dele próprio um autómato, uma espécie de apêndice dum corpo invisível, mas poderoso. E esse homem tornou-se, na verdade, um símbolo. Dotado dessa extraordinária capacidade de se confundir e anular, prodigioso na arte de mimetismo, adaptava-se maravilhosamente a todas as mutações da realidade.

Alguns, maldosamente, rosnavam que o sujeito nascera para capacho; outros, mais violentos e certamente injustos, sentenciavam que o homem nem para esfregão prestava. Mas o fenómeno, encarado agora a anos de distância, apresenta tais complexidades, que seria injusto esquecer ou iludir. Fenómenos dessa natureza não são tão simples como inadvertidamente se poderá julgar. Quando, na tertúlia, o nosso homem, com um supremo à-vontade, reproduzia o que as celebridades tinham dito, estava a antecipar-se à história; manifestava-se como um precursor dos anos vindouros. Nesta nossa época prática, como é pecha denominá-la, a abdicção do pensamento tornava-se uma garantia de felicidade. Todo o

acto de pensamento implicava, imediatamente, o reconhecimento dum caso doentio, patológico. Os que não abdicavam do seu pensamento eram considerados doentes. Talvez V. ache as minhas considerações absurdas, mas se se preocupar em folhear a história dos nossos dias, não deixará de me dar razão. Factos abundam, sobram. E lembre-se de que no ano de 1920 ainda se não dera a fulgurante marcha de Roma, dirigida pelo ex-socialista Mussolini. E se anoto este pormenor, é porque desejo penitenciar-me dos agravos que dirigi, impensadamente, nesse tempo, ao rapaz brilhante a que os outros alcunhavam de «Ventriloquo». Ele foi, na verdade, um precursor, um vidente. Num tempo em que ainda ecoavam como verdades os princípios imbuídos dum racionalismo crítico, era uma novidade assumir publicamente atitudes como as desse rapaz. E certo que as ideias pairavam no ar. E, em breve, se apressaram a recolhê-las e adoptá-las, apesar do seu aspecto suspeito e sedício.

Estou a vê-lo, o seu olhar místico, as suas faces maceradas como a desses santos primitivos, que flagelavam a carne com jejuns e exorcismos; estou a vê-lo reproduzir os grandes tropos das celebridades do tempo. A sua suprema glória foi sempre andar suspenso, como um boneco, nas lappelas dos génios da terra. Nada procurou realizar; sua tarefa era outra: bastava-lhe aplaudir, admirar, venerar, gravitar à volta dos outros. Estávamos na aurora do «culto do homem», do «culto do indivíduo»; Mussolini não tardaria a realizar a sua marcha a Roma. No grande palco da História, tudo estava a postos para se ensaiar uma nova peça; comédia para uns poucos, tragédia imensa para a maioria que a iria sofrer e sentir na sua carne.

E aqui tem, amigo, o leve panorama dos anos da minha juventude, e que, fugindo a todo melodramatismo, eu me recuso, afinal, a atribuir foros de catástrofe irremediável. Aliás, V. e outros, saídos das gerações mais novas, poderão, talvez, com mais justeza tirar as devidas lições. E a História, essa filha de Heródoto, é ainda a melhor mestra para deramar luz nos factos onde a sombra os sepulta. A História e o Tempo...

Rodrigues Pena

A MULHER PORTUGUESA NA LITERATURA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

calorosa apologia das suas virtudes. Era um cavalheiro da alta roda.

O advogado de acusação, porém, não se conteve sem explorar aquele depoimento:

— Pode dizer-me como conheceu aquela senhora, para dela falar com tal convicção?

A testemunha, solenemente:

— Posso. Convivi com ela, em França, durante dois meses, no meio de gente instruída e respeitável...

O advogado, sem pestanejar:

— O marido acompanhou-a sempre?

A testemunha, hesitando:

— Foi buscá-la no fim das férias.

O auditorio sorriu. Eu, aconchegado no meu cantinho, sorri também.

Este julgamento foi um espelho da vida de Lisboa, tão parecido aos espelhos da vida de Paris, Roma, Berlim, Londres e outras célebres cidades de aquém e de além-Mar!...

A mulher portuguesa, na literatura, tende a desaparecer. Poucas restam do passado. Podem-se contar pelos dedos: Virgínia Vitorino, Oliva Guerra, Laura Chaves, Maria de Carvalho, Alice Ogando e mais duas ou três, menos conhecidas.

A nova geração onde está? Das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra, todos os anos saiem para a vida prática, pelo menos, uma dúzia delas. Os seus trabalhos não se conhecem; as suas manifestações intelectuais ninguém as lobriga.

Em uma das últimas vezes que estive em Coimbra, havia, numa casa amiga em que me hospedei, três raparigas formadas em Faculdades, qual delas a mais inteligente e interessante. Em uma tarde de futebol, deliraram todas e faziam ardentes votos pelo triunfo da «Académica».

A filha que me acompanhava, de visita aos filhos que ali estudavam, foi também ao desafio de futebol — a instâncias das três senhoras diplomadas.

Assistiu a todo o jogo com a maior indiferença, mas as companheiras, não. Essas falavam e gesticulavam contra os jogadores da parte contrária. Minha filha, num intervalo, disse-lhes que o barulho era terrível... Elas riram e responderam que aquilo não era nada, à vista doutros desafios... Nem pancadaria tinha havido!

Por este pano de amostra se concluirá o que vai por Lisboa e Porto com as senhoras diplomadas e modernizadas... E as outras, as menos cultas, como se comportarão elas nos campos de jogos, nas salas e nos recintos do lar?!

Toda essa orientação educativa é vulgarmente dominada por liberdades grosseiras, por uma animalidade mais própria do homem que da mulher.

Teria muito gosto em evocar os salões de Paris, nos tempos em que madame de Sévigné, madame Recamier e essa talentosa

e endiabrada George Sand reuniam no seu convívio os poetas, os filósofos, os romancistas, os músicos e os pintores mais notáveis das respectivas épocas. Mas o artigo dum jornal tem um limite assás resumido. E por isso, vou encurtando as minhas razões.

Em Lisboa, em tempos idos, houve salões de refinada arte, galantaria e ideal, como o da marquesa de Alorna, o do conde de Faro e o de Maria Amália Vaz de Carvalho. Desse passado faustoso e elegante, deu-nos o visconde de Ouguela, um aristocrata de cunho primoroso, um livro de magnificências históricas, filosóficas e literárias sob o título — «Os Salões».

Confrontando o passado com o presente — na literatura, na sociedade e na educação — temos de concluir, infelizmente, que se encontra um saldo positivo a favor do passado...

Das mulheres algarvias, duas alindaram, durante anos, o horizonte intelectual da sua provincia. Lutegarda Guimarães de Caires, nascida em Vila Real de Santo António, cultivou o verso e a prosa com um amor verdadeiramente artístico, dentro do seu lar calmo e perfumado. A sua morte enlutou as suas amigas e admiradoras.

Maria Veleda é a outra algarvia da mesma geração, poetisa, prosadora e educadora, a quem as setas do amor dilaceraram o coração. Todavia, embora velhinha e pobre, continua a remar na caravela da Saudade, a mesma caravela que transportou Mariana Alcoforado pelos mares da vida e da morte...

As mulheres algarvias pouco se dedicam a letras, salvo uma ou outra que

CONTA-GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

E no entanto...

*E no entanto
é de vida
e de Paz
que vos quero falar.
Que esta hora
nos quer falar.
Paz laboriosa
e honrada
com espigas de trigo
e flores no cabelo.*

*O tanque em miniatura
da loja, aqui em frente,
lá está. Ninguém o compra.*

*A fruta da estação
é a Paz.*

Diário

*Coragem.
Sim, a coragem.
Porque não a coragem?
Mesmo a maior coragem?
Ficar
agarrado à vida
ainda quando a vida
tem só da vida
o fantástico involúcro.
Deixar
seguir as nuvens
e ficar.
Deixar
seguir as ondas
e ficar.
Ficar agarrado à vida
ainda quando a vida
tem só da vida
o fantástico involúcro.
Coragem.
Porque não a coragem?
Isto de em cada instante
ser desse instante.*

Maria Manuela Nunes

adora a poesia, no recanto da sua casa e nos jogos florais da Praia da Rocha.

Os rapazes afinam pelo mesmo diapasão. O futebol, o cinema e o automobilismo são as três facetas supremas que presidem aos seus movimentos, aos seus raciocínios, às suas leituras e às suas conversas...

Recebi hoje carta da minha comadre Xita, aquela simpática senhora que, no automóvel da minha neta, nos acompanhou a Évora. Usa este pseudónimo à semelhança da cota dos antigos gladiadores...

Fala-me de jornalismo e do nosso afilhado do Alto Alentejo — o Jorge Manuel. Como detesta o gongorismo, o seu estilo reflecte a simplicidade da sua alma. Termina a missiva com este fecho, alegre e saudável: «O Jorgito está progredindo. Mais gordito, mais crescido — está quase um homem!»

Cheguei à altura de revelar a sua confidência a respeito da malograda Florbela Espanca. Um resumo basta. Frequentava a Escola do Magistério de Évora, e o director de então, um reaccionário qualquer, organizou uma festa escolar. Rapazes e raparigas, conforme as suas aptidões, foram encarregados de representar ou de recitar poesias.

A festa, como é natural, decorreu com a vivacidade própria de gente nova. No final, um aluno recitou um soneto da poetisa Florbela, dentro do escolhido programa de motivos alentejanos.

Mal acabou, o director chamou-o de parte e aplicou-lhe uma repreensão equivalente a uma dúzia de palmatoadas da menina dos cinco olhos...

O estudante ficou atónito e o director rejubilou, por ignorar, no fundo da sua consciência, que nem todas as vezes chegam ao Céu!

O nome de Florbela Espanca permanece de pé, embora o facto espante gregos e troianos, e toda a gente falha de inteligência e de espírito justiceiro.

A inveja é um defeito moral, que ataca fanáticos e estúpidos, à luz do critério acanhado em que uma parte da humanidade rasteja e murmura.

No hemisfério da literatura portuguesa, a mulher é sempre alvejada como um ser rebelde que vive, grita e mostra a revolta dum coração sulcado de luz e amor.

E' a própria Florbela quem responde aos seus detractores. Dois tercetos do soneto «Minha Culpa», de sabor profético e contundente, é um desabafo em que circula fogo e verdade:

Sou um verme que um dia quis [ser astro,
Uma estrada truncada de alabastro,
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou? Sei lá! Cum- [prindo os fados,
Num mundo de maldades e pe- [cados,
Sou mais um mau, sou mais um [pecador...

Marcos Algarve